

## SÃO BERNARDO: O SER-TÃO AGRESTE UMA LEITURA DO ROMANCE DE GRACILIANO RAMOS<sup>1</sup>

Célia Sebastiana SILVA<sup>2</sup>

De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem.

GUIMARÃES ROSA

Não és bom; nem és mau; és triste e humano...

OLAVO BILAC

### RESUMO

O presente trabalho visa a uma análise do romance **São Bernardo**, enfocando o personagem Paulo Honório de um ponto de vista existencialista. Será abordado o percurso do homem-ser-tão-agreste, limitado em um espaço geográfico, árido, sem essência e seu processo de humanização pela escrita. Para tal, será questionada a relação homem/linguagem; homem/espaço da memória; homem/coisa; homem/homem; homem/ser-tão pequeno; homem/ser-tão universal.

### ADENTRANDO O SERTÃO

“Sertão: é dentro da gente”. Esta é uma reflexão de Guimarães Rosa sobre como a gente é: seres incompletos, mal alinhavados, secos, brutos, seres em construção, em busca de ser.

Esta reflexão também faremos ao percorrermos os limites de **São Bernardo**, romance de Graciliano Ramos. Penetraremos inicialmente no sertão exterior do narrador personagem Paulo Honório. Buscaremos descobrir os elementos externos que condicionam o homem rude; que lhe embotam a sensibilidade; que lhe determinam uma vida agreste. Mas, o

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao final da disciplina Narrativa Brasileira II (Graciliano Ramos) no Curso de Especialização em Literatura Brasileira da PUC-MG, 1994.

<sup>2</sup> Professora de Leitura e Redação da Faculdade de Filosofia Cora Coralina.

sertão é dentro da gente! Claro. E é nesse ponto, quando se entrecruzam vida e alma agreste, que a dimensão universal da obra graciliana se revela.

Nossa meta maior é penetrar o sertão que habita a alma agreste de Paulo Honório. Mas, não queremos o Paulo Honório simples narrador-protagonista da história. Queremos é o Paulo Honório gente. Esse que habita também nós. O homem humano. O ser universal. Isto porque falar de existência humana na Literatura é falar de nós. É fundirmos um pouco do lirismo da vida com o lirismo da arte. É absorvermos de Graciliano, por exemplo, um pouco da angústia que causa insônia; que se presentifica pelas linhas tortas da infância, das memórias (do cárcere e da liberdade!). Essa angústia que atinge, numa viagem infundável, os viventes de São Bernardo, das Alagoas, do Nordeste, do mundo e que vai transformando nossas vidas secas em almas secas, sedentas por algo mais que simplesmente existir.

Faremos, pois, uma análise do romance **São Bernardo**, enfocando o personagem Paulo Honório de um ponto de vista existencialista. Em alguns momentos recorreremos a Sartre e Heidegger para abordarmos, num sentido mais amplo, a questão homem / linguagem; homem / espaço geográfico - espaço memória; homem / homem; homem / coisa. Homem ser-tão pequeno / ser-tão universal.

Ao longo de nossa abordagem perpassaremos os vários tons que a narrativa assume à medida que o personagem vai questionando o ser, o não ser, o estar, a essência, enfim, a vida.

Graciliano Ramos oferece - nos, através do narrador, talvez o tom mais significativo: o da metalinguagem. A concisão, o limitar-se a dizer o essencial, o estilo seco, agreste refletem a própria busca da essência. O processo de construir o livro é para Paulo Honório o processo de construir a própria vida.

Absorvendo este estilo assim tão ser-tão seco, procuraremos desenvolver nossa leitura pela "divisão do trabalho": O tom de lirismo, o toque de sensibilidade, de expressividade, ficam por conta da mestria de

Graciliano Ramos; o tom agreste, rude que vai penetrando alma adentro e desbravando sertões fica por conta da dureza de Paulo Honório.

E nós? Nós ficamos com os entretons. Com a difícil tarefa de encontrar o terceiro tom.

Uma fusão harmoniosa, completa, cúmplice entre leitor-narrador-autor será decisivo para alcançarmos esse terceiro tom que servirá, senão para desembotar, pelo menos para despertar o ser(tão) dentro de nós.

Conviver com a obra grande, grácil, humana, graciliana, talvez seja uma boa maneira de "estar" e de "ser"-tão dentro da gente para encontrarmos um terceiro sentido para o que está tão fora de nós.

#### SER-TÃO: DO BRUTO AO HUMANO

"A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste" (RAMOS, 1992, p.101). Nesse *mea-culpa*, Paulo Honório, o narrador-protagonista de São Bernardo pára para fazer um balanço (tão acostumado é com os negócios) de sua vida. Reconhece-se um ser embrutecido, duro, gasto, de mãos gretadas -- um dínamo emperrado.

Exatamente no momento em que o dínamo encrenca, em que o impulso de conseguir e conseguir cessa é que Paulo Honório começa a existir humanamente. Admite-se falível, limitado, humano. Mergulha nas perturbações sócio - existenciais em busca de equilíbrio e de adaptação ao meio em que vive. Busca, inquietação, angústia, solidão, "desespero, raiva, um peso enorme no coração" e uma ansiedade dolorosa e multiforme habitam, em meio ao pio da coruja, cantar de grilos e tique-taque insistente do relógio, a alma agreste desse ser-tão desessencializado.

O que faz, então, para buscar a essência? Recorre à escrita, ao seu poder de criação, à linguagem. O processo de re-memorar a própria história é um processo catártico, é uma forma de o personagem voltar-se

para si mesmo em busca do ponto em que se desnor-teou: “Julgo que me desnor-teei numa errada”.

Nesse processo de busca é que Paulo Honório se dá conta de que agreste não é só o sertão, não é só a vida objetiva, não é só o modo como se deve tratar pessoas e coisas. Ele toma consciência de que o querer “ser” é tão agreste quanto o próprio “estar” e o próprio ter na vida. Percebendo-se como gente que é humana; que tem alma, o sentimento de propriedade, até então, o único existente, vai se esvain-do e cedendo lugar à percepção de que o nosso universo interior é bem mais amplo que o reduzido limite de São Bernardo. É o momento em que a dureza da alma, a dicotomia vida agreste/alma agreste vão se definindo: “Agitam em mim sentimentos inconciliáveis: encolerizo-me e enteneço-me; bato na mesa e tenho vontade de chorar” (p. 103).

Temos aí um homem dividido, angustiado, por excelência.

Sartre diz que “cada homem deve dizer a si próprio: terei eu o direito de agir de tal modo que a humanidade inteira se regule pelos meus atos? E se o homem não diz isso é porque ele disfarça sua angústia” (SARTRE, 1976, p. 8) Vemos que Paulo Honório até a morte de Madalena não questiona, não diz nada a si próprio. Apenas determina, ordena, impõe que não só a humanidade, mas também a ‘coisidade’ se regule por seus atos. É até então, um dínamo desnor-teado. Só depois, ao estruturar a sua história, começa a estruturar-se como ser-humano, angustiado, ‘encrencado’.

Ao assumir em si a agitação dos “sentimentos inconciliáveis”, assume também sua angústia, antes disfarçada, e vai, a partir daí, desembotando sua sensibilidade. Vejamos, nesta passagem, como o narrador ao dar “acordo de si” consegue captar pela linguagem o máximo de esplendor poético e de lirismo em pleno sertão agreste. O tom, obviamente, é angustiado:

Quando dei acordo de mim, a vela estava apagada e o luar, que eu não tinha visto nascer, entrava pela janela. A porta continuava a ranger, o nordeste atirava para dentro da sacristia

folhas secas, que farfalhavam no chão de ladrilhos brancos e pretos. O relógio tinha parado, mas julgo que dormi horas. Galos cantaram, a lua deitou-se, o vento se cansou de gritar à toa e a luz da lua veio brincar com as imagens do oratório (p.194).

Notamos que, além do lirismo saltitante neste trecho, a prosopopéia tem aí um valor inquestionável. Paulo Honório, ao passar de homem-coisa para homem-humano, dá um leve toque de humanidade também às coisas que o circundam: a lua deita; o vento se cansa de gritar; a luz da lua brinca. As ações de deitar, cansar, brincar são próprias de pessoas e estão aí atribuídas a outros seres. São as múltiplas facetas do homem: a que se coisifica e a que se humaniza; a que se encoleriza e a que se entenece. Somos nós, afinal. Seres duais, plurais, únicos. Seres em essência (ou em busca de).

Como já dissemos em **São Bernardo** o que move o personagem protagonista é a posse. E a angústia que vive no nível da enunciação é exatamente a consciência do nada a partir da perda da posse. Ao se deparar com o fato de que não possui nem vida, o sentido de existir desaparece para Paulo Honório e ele sai em busca desse sentido.

Nessa linha de pensamento, José Fernandes, diz: “A vida não é um dom, nem uma posse; que a qualquer hora pode ser cobrado, e o ser, definitivamente restituído à voluptuosidade do nada” (1986, p.189). Para Paulo Honório, o negócio que lhe custa mais caro é exatamente este de ser “restituído à voluptuosidade do nada”. A consciência do não-ser vai gretando mais e mais a sua alma agreste. Recorre, então, ao recurso da linguagem que, sendo também agreste, também seca, rigorosamente essencial, adquire a significação da própria existência. É através da expressão verbal, da escritura de sua história que a personagem encontra a saída para afugentar o nada e descobrir o humano. Essa descoberta é uma forma dramática de se constatar que viver, mais que perigoso, é difícil, é um buraco: “tentei de balde canalizar para termo razoável esta prosa que se derrama como chuva da serra, e o que apareceu foi grande desgosto. Desgosto e vaga compreensão de muitas coisas que sinto” (p.180).

Os “termos razoáveis” que o narrador utiliza para contar sua história são termos que ora tocam nossa alma (agreste?) por um lirismo pungente e doído; ora assumem um tom de ingenuidade áspera e rudimentar; e ora assumem um tom de universalidade transcendente.

Vejamos este trecho em que aparecem ao mesmo tempo o tom lírico e o universal. O personagem, ao falar de suas emoções, parece carregar em si o sentimento do mundo: “Emoções indefiníveis me agitam-inquietação terrível, desejo doido de voltar, tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias a esta hora. Saudade? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração” (p.101).

Para falarmos do tom ingênuo, podemos recorrer a **Formas Simples** de André Jolles. Ele diz, em outros termos, que o provérbio evoca na vida o universo do empírico. Este, nada mais é do que o universo da sobriedade, pois neles descansamos sempre que as ligações internas de uma ordem moral do universo nos aborrecem (Cf. 1976, p.142).

É curioso observar em **São Bernardo** como o narrador, em meio à linguagem lírica, gracilianamente rica e elevada, ‘descansa’ por alguns momentos no universo do empírico. Há passagens em que Paulo Honório recorre aos provérbios, aos clichês, às expressões desgastadas como uma forma de mostrar a sua lucidez em torno do ser agreste, do ser empírico. Procura, com estas formas simples, provar que os enfeites de seu espírito, de fato, “se reduzem a farrapos de conhecimentos apanhados sem escolha e mal cosidos”.

O tom ingênuo e sóbrio que a linguagem assume com estes provérbios é uma maneira de o protagonista convencer-nos de que sua alma não é agreste por acaso; de que, antes de ser um homem com “pretensões literárias”, é um homem seco, aborrecido com as “ligações internas da ordem moral do universo”.

Observemos alguns desses provérbios e expressões que aparecem ao longo da narrativa:

Agora eu lhe mostro *com quantos paus se faz uma canoa*. (p.14)

*Devo não nego, mas como hei de pagar assim de faca no peito?* (p.23)

Não prestei atenção aos que me censuravam por querer *abarcas o mundo com as pernas*. (p.100)

Está aí *papagaio come milho, periquito leva a fama*. O periquito sou eu. (p.147)

*Contava de um a cem, e dobrava o dedo mindinho; contava de cem a duzentos, dobrava o seu vizinho*. (p.153)

(Grifos nossos)

O narrador debate-se o tempo todo na contradição ser agreste/querer ser completo (tomando evidentemente o termo ‘agreste’ como sinônimo de impreparado, incompleto, inculto -- ou incultivado!, rudimentar). Ao mesmo tempo em que afirma seu lado embrutecido, medíocre – “Não sou homem de sensibilidades” -, nega-o por ter um espírito criador que o impele para a busca de essência, para dar provas de uma existência mais elevada. Reconhece, porém, que sua “superioridade é bem mesquinha”. São os sentimentos inconciliáveis que afligem o homem!

Neste trecho Paulo Honório deixa claro esse conflito. Ele faz questão de dizer que os fatos exteriores são os responsáveis por suas palavras serem apenas palavras e não algo mais (como as de Madalena). Vejamos:

Procuro recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir. Para senti-las melhor, eu apagava as luzes, deixava que a sombra nos envolvesse até ficarmos dois vultos indistintos na escuridão (p.102).

Esse trecho equivale a dizer, na concepção do personagem, que a vida exterior é que condiciona a interior. A vida agreste faz alma agreste. Fora dos limites do sertão, porém, num âmbito mais universal, vemos que não há esse determinismo. O agreste pode produzir seus efeitos de dentro para fora. É o que o personagem começa a perceber com a escrita. Nesse ponto, estabelece-se uma relação simétrica em que: construir São Bernardo é construir a própria existência (com toda a carga de ambição, maldade, ciúme, impiedade, brutalidade, secura, cruza) e construir o livro é construir a própria essência (com toda carga de angústia, desespero, solidão, tristeza, lirismo, de ser-tão).

Ao se falar em ser-tão de dentro para fora, porém, é importante ressaltar que o rumor dos grilos, do vento, das corujas, dos sapos e do relógio, associados ao momento em que Paulo Honório escreve, são elementos significativos. Comprovam que os seres exteriores condicionam-se ao estado de espírito do personagem. Som exterior e silêncio interior se confundem e fundem-se numa voz que ressoa todos os tiques e todos os taques de alma. Afinal, a vida não é só tiques, nem só taques! É um tique-taque.

Assim é que a presença insistente de tais elementos ao longo da narrativa, e mais especificamente no capítulo dezenove, parece ser a natureza comungando em perfeita harmonia com a angústia do protagonista. À medida em que ele muda seu estado de alma, a natureza também vai mudando. Observemos algumas passagens desse capítulo, ímpar em termos de estilo, de lirismo e de beleza: “Quando os grilos cantam, sento-me à mesa da sala de jantar, bebo café, acendo o cachimbo. Às vezes as idéias não vêm, ou vêm muito numerosas e a folha permanece meio escrita, como estava na véspera” (p.101).

Vejamos como este estado angustiante, alucinado até do personagem mostra o seu completo desnorteamento. O tempo dos verbos no passado e logo após no presente comprovam a quase fusão do plano da memória com o plano da realidade. Só os elementos da natureza é que ficam distintos: “Lá fora os sapos arengavam, o vento gemia, as árvores do pomar tornavam-se massas negras -- Cassimiro!” (p.102).

Agora observemos já o momento presente: A “figura de Cassimiro Lopes aparece à janela, os sapos gritam, o vento sacode as árvores apenas visíveis na terra” (p.102).

Nestes trechos, porém, a angústia torna-se alucinação. Confundem-se, num só tom, presente e passado.

O tique-taque do relógio diminui, grilos começam a cantar. E Madalena surge no lado de lá da mesa. Digo baixinho:

-- Madalena!

Estou encostado à mesa, as mãos cruzadas. Os objetos fundiram-se e não enxergo sequer a toalha branca.

(...)

Rumor do vento, dos sapos, dos grilos. A porta do escritório abre-se de manso, os passos de seu Ribeiro afastam-se. Uma coruja pia na torre da igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos? Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo(p.102/103).

Podemos dizer que essa digressão temporal e a presença de fluxos e refluxos narrativos devem-se à própria fragmentação do personagem. A descontinuidade na narrativa reflete a desagregação do ser em busca de essência. A memória se dilui num constante vaivém, como já foi visto nos trechos anteriores.

Isto é o que cria na narrativa o plano da ação e o da reflexão. Grilos, sapos, corujas, a natureza toda, coisas, pessoas, tudo, enfim, ‘é’, ‘está’ ou ‘age’ por meio das reflexões do narrador-protagonista. Tudo é convergido para ele. O mundo todo se reduz à sua visão. Nesse sentido o pintor expressionista Oskar Kokoschka diz que o ser quando impelido pela curiosidade, se ascende sozinho, degrau por degrau, até abarcar a natureza inteira, deixando para trás todas as leis, tem o mundo reverberado na própria alma. (Cf. CHIPP, 1988, p.172). Paulo Honório chega a dizer literalmente: “não prestei atenção aos que me censuravam por querer abarcar o mundo com as pernas” (p.40).

Diante disto questionamos: Uma alma marcada pela secura, pela dureza, pelo ser-tão agreste suporta o mundo inteiro reverberado em si? Eis o grande drama do protagonista. São Bernardo representa para ele "o mundo inteiro". Mas os limites de São Bernardo são reduzidos e frágeis, como são frágeis todos os bens materiais. Que fazer então? Descer, sozinho, degraus por degraus até ser restituído à "voluptuosidade do nada" (como dissemos anteriormente). E não é por acaso que a decadência de Paulo Honório é paralela à decadência de São Bernardo. Parece-nos que há uma quase fusão entre homem e propriedade.

Notemos como o narrador deixa claro que vive o seu mundo particular (e nesse ponto já em decadência), mas sabe da existência de um outro, grande, igualmente caótico: "O mundo que me cercava ia-se tornando um horrível estúpido. E o outro, grande, era uma balbúrdia, uma confusão dos demônios, estúpido muito maior" (p.174).

Mas, Paulo Honório é duro. Ele cria um mundo paralelo para si; está e é o próprio mundo, porém, sente-se maior. E enquanto a convicção de sua superioridade impera, esse mundo não é assim tão horrível estúpido. Vejamos como ele sente, bonito, a sua grandeza, a sua fortaleza:

Apesar de ser um indivíduo mediamente impressionável, convenci-me de que este mundo não é meu. Quinze metros acima do solo, experimentamos a vaga sensação de ter crescido quinze metros. Enquanto assim agigantados, vemos rebanhos numerosos aos nossos pés, plantações estirando-se por terras largas (...) uma grande serenidade nos envolve. Sentimo-nos bons, sentimo-nos fortes. E se há ali perto inimigos morrendo, sejam embora inimigos de pouca monta que um moleque devasta a cacete, a convicção que temos de nossa fortaleza torna-se estável e aumenta (p.156).

Essa grandeza mais abstrata que o faz sentir bem e forte e sereno, porém, dura apenas até o momento em que o personagem vai tomando consciência de suas limitações. Quando ele começa a existir mais humanamente, o sentimento de grandeza vai adentrando pelo seu ser

físico. Então, ele se percebe desproporcionalmente grande e deformado: "Que mãos enormes! As palmas eram enormes, gretadas, calosas, duras como casco de cavalo. E os dedos eram também enormes, curtos e grossos. Acariciar fêmea com semelhantes mãos!" (p.138).

Como se vê, esse enxergar-se é dramático e paradoxal. O ser grande exteriormente corresponde, para Paulo Honório, à consciência da degradação máxima enquanto indivíduo, da pequenez enorme que carrega dentro de si, da própria niilização. Observemos como ele se descreve:

Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes.

(...)

Fecho os olhos, agito a cabeça para repelir a visão que me exhibe essas deformidades monstruosas. (p.187)

De acordo com Heidegger, o ser do homem se define pela faculdade de falar porque "pensar e falar é articular o destino do ser" (Heidegger In: FERNANDES, 1986, p.228). Ora, vemos que Paulo Honório, embora niilizado, aleijado, monstruoso, consegue se definir. Ainda que em traços quase imperceptíveis, conseguimos entrever nele "uma ternura engastada e estranhas sementes de moleza e lirismo que vão sendo reveladas pela fala e pelo pensamento"- como diz Antônio Cândido (Cf. 1956, p. 32). O próprio personagem reflete sobre seu modo de falar, insinuando que ele é exatamente o seu modo de ser. Observemos:

O que eu dizia era simples, direto e procurava de balde em minha melhor concisão e clareza. Usar aquele vocabulário vasto, cheio de ciladas, não me seria possível. E se ela tentava empregar a minha linguagem resumida, matuta, as expressões mais inofensíveis e concretas eram para mim semelhantes às cobras: faziam voltas, picavam e tinham significação venenosa (p.154).

Como se percebe, o próprio personagem, ao revelar sua linguagem simples, direta, resumida, matuta, revela a si próprio. Da mesma forma que há a fusão Paulo Honório/São Bernardo no plano do enunciado, há a fusão Paulo Honório/linguagem no plano de enunciação.

É também através da linguagem que o narrador consegue alcançar uma das propostas de Ítalo Calvino para o próximo milênio: a exatidão. Ele usa uma linguagem que, sendo a “mais precisa possível como léxico é capaz de traduzir as nuances do pensamento e da imaginação” (1990, p.72) e com uma expressividade comovente, espantosa, poderíamos acrescentar.

E é ainda com essa linguagem que Paulo Honório arranca do mais íntimo de si mesmo uma paisagem mais humana para colorir o ser-tão agreste. É através do uso da palavra que, entre um tom e outro nos são revelados os entretons. Sobre estes entretons também não há muito que falar; temos que ser resumidos e matutos. Eles são mais sentidos.

Impossível manter a dureza da alma sendo e conhecendo Paulo Honório; conhecendo e lendo Graciliano. Aliás, conviver com a obra de Graciliano é um bom exercício para desembotar a sensibilidade e ver algo mais que simplesmente sertão.

## PARA SAIR DO SERTÃO

“Só se sai do sertão é tomando conta dele a dentro”. Novamente Guimarães Rosa para ajudar no percorrer sertão. Agora que já o penetramos, queremos é sair.

Percorremos o agreste, o sertão. Foi tomando conta dele a dentro que conhecemos um pouco do ser que está tão fora, tão próximo e tão dentro de nós. Eis que Paulo Honório, metonimicamente, serviu de base para esse conhecimento: a alma agreste, a sensibilidade embotada, os sentimentos inconciliáveis, o peso enorme no coração, e dureza de alma, enfim, todos “os farrapos de conhecimentos apanhados sem escolha e mal

cosidos” foram para nós lição de como ser. Lição de como o ser-(tão) é construído aos poucos; é conduzido do bruto ao humano; é cultivado numa paisagem que reflete segura e lirismo. Lição, enfim, de grandeza diante da pequenez.

Impressionou-nos, grandemente, Paulo Honório. Esse confesso “indivíduo medianamente impressionável”. E ele, no seu desembotamento e embotamento, forneceu-nos um pouco dos tons e entretons que nos propomos a encontrar; deu um colorido liricamente especial ao ser(tão) agreste e foi motivo para questionarmos um pouco da angústia tão comum a nós, seres humanos.

Não, não foi, porém, tarefa fácil perceber o ser no sertão. Penetrar o agreste e descobrir o humano foi angustiante. Foi doído! Incorporando um pouco mais da linguagem graciliana, podemos dizer que, topando os obstáculos mencionados, não percorremos, sem nos determos, caminhos certos pelo sertão. Não. Tivemos abatimentos, desejo de recuar, contornamos dificuldades: muitas curvas. Por vezes, fomos traídos por esse sentimento seco que se engasta forte em nosso ser tão limitado e vem ferir cá dentro. Outras vezes, porém, embalados pelo dom de clarividência da insistente coruja (que habita São Bernardo), fomos iluminados pelos riscos e entrelinhas que a obra fornece.

Agora que estamos saindo, o que podemos afirmar com veemência sobre este estudo é que ele não está acabado. Assim como Paulo Honório é um ser incompleto; assim como Graciliano fecha seu livro em aberto; assim como o homem nunca está pronto, também nós vamos sair do ser(tão) sem ter tomado conta dele inteiro. Completar? Que cada um vá o completando aos poucos. Que busque a essência da obra graciliana assim como buscamos permanentemente a nossa própria essência. O que não podemos é ser tão agrestes a ponto de ver só sertão. As mãos gretadas de Paulo Honório e, por extensão, de Graciliano não são enormes por acaso. Que grandeza!

*Abstract:*

SILVA, Célia Sebastiana, São Bernardo: The be-so rural: a reading of Graciliano Ramos romance, *Temporis(Ação); Goiás, V.1 N.1 - junho / 1997.*

*The present work seeks to an analysis of the romance São Bernardo, focusing the character Paulo Honório from an existentialist point of view. The -be-so-rural man's course will be approached, limited in a geographical, arid space, without essence and its humanization process for the writing. For such, the relationship man will be questioned / language; man / space of the memory; man / thing; man / man; man / be-so small; man / to be so universal.*

BIBLIOGRAFIA

- CALVINO, Ítalo, **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CÂNDIDO, Antônio. **Ficção e Confissão**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- \_\_\_\_\_. **Tese e Antítese**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- CHIPP, Herschel B. **Teorias da Arte Moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- FERNANDES, José. **O Existencialismo na Ficção Brasileira**. Goiânia: Editora da UFG, 1986.
- FERREIRA, Virgílio, SARTRE, Jean Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Lisboa: Presença, 1978.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. São Paulo: Ática, 1985.
- MOURÃO, Rui. **SÃO BERNARDO, Estruturas: Ensaio Sobre o Romance de Graciliano**. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1971.
- RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 1992.